

O aproveitamento econômico dos nossos cerrados

NEWTON BELLEZA.

UM trecho apreciável do território brasileiro, situado no sertão, tem a fisionomia fitogeográfica das savanas, com uma feição própria de adaptação ao nosso meio, conhecido geralmente sob a denominação de "cerrado". Várias hipóteses têm sido formuladas para a explicação de sua existência. No "Boletim de Agricultura, Zootécnica e Veterinária de Minas Gerais", de julho de 1932, fiz alguns comentários sobre essas hipóteses, apresentando por minha vez outra que me pareceu mais plausível.

Não pretendo agora, todavia, retomar esse aspecto da debatida questão da origem dos nossos cerrados, que ofereceria margem a longas e intermináveis dissertações. Desejo tratar do aspecto econômico de seu aproveitamento, das possibilidades de sua incorporação à economia nacional, respondendo de certo modo a uma pergunta que ocorre a todos quantos tomam conhecimento dos cerrados, com a impressão de desalento que à primeira vista nos sugere.

O cerrado típico estende-se por chapadões de terra vermelha, avermelhada e algumas vezes amarela. Tem duas camadas de vegetação: uma rasteira, paleácea, raramente densa, e outra arbustiva e arbórea, de troncos e galhos contorcidos, bastante rala no seu todo para que os indivíduos guardem uma distância razoável entre si. O vento pode circular livremente por todos os lados, e o sol e as chuvas incidem diretamente sobre a terra, castigando-a duramente. A impressão que nos deixa essa feição fitogeográfica é de angústia não se tornando difícil, como consequência, que cheguemos à conclusão de sua inutilidade.

Esse tipo médio que acabamos de descrever, em linguagem ao alcance de todos, caminha frequentemente para os extremos de "campos finos" e "cerradões". Nos cerradões, cujo aspecto se aproxima do das matas, a vegetação alta predomina sobre a rasteira, o seu tamanho é maior do que a dos cerrados e apresenta conformação normal, linheira. As suas terras são, em regra, um pouco mais escuras. Os campos finos distribuem-se por superfícies onduladas (das encostas e dos altos dos morros) de terras pedregosas, brancas ou esbranquiçadas, evidentemente azonais (não amadurecidas), sua vegetação alta torna-se predominantemente arbustiva, escassa e muito contorcida, e a vegetação rasteira é constituída quase exclusivamente de capins finos.

Enquanto as terras dos campos finos são azonais, tudo indica que as dos cerrados e cerradões são zonais, com profundas alterações depois de seu amadurecimento. São elas de boa constituição física, profundas como dificilmente se podem encontrar outras, e quase completamente desprovidas de humo. Deixam-nos a impressão de que a sua camada superior, a terra vegetal propriamente dita (grande parte do horizonte A) foi arrastada, em épocas geológicas longínquas, pela ação violenta das águas.

Os cerrados se estendem por terras de formação geológica diferente e sob a ação de climas variados, no imenso território brasileiro. Essa verificação dificulta bastante a explicação de sua origem. O elemento constante nos cerrados, nos campos finos e nos cerradões é a ausência ou quase ausência de humo. Nos campos finos, essa ausência é explicável pelo não amadurecimento de seu solo, ao passo que nos cerrados e cerradões, de solos zonais, a explicação tem de ser outra.

Quando há uma ocorrência de matéria orgânica no solo, por motivo da presença de um grande formigueiro, por exemplo, surge um "oasis" de vegetação normal no meio do cerrado. Tive a oportunidade de ver lindos bosquetes, com as características de vegetação de mata, sobre terrenos afogados e fertilizados pela ação inicial das formigas.

* * *

As terras dos cerrados não são absolutamente imprestáveis como à primeira vista parecem e muita gente ainda o supõe. O sertanejo, por suas próprias tentativas e desconhecendo a ciência do solo, do clima e outras ligadas com a exploração da terra, já deu a sua contribuição valiosa para demonstrar como podem ser adaptadas para melhor servirem à economia humana, além do aproveitamento imediato, de pouco rendimento, que delas se vinha rotineiramente tirando.

A conquista do cerrado é uma página da história econômica brasileira que nos ajuda a dispensar maior consideração ao homem que se dedica às atividades rurais entre nós. Ele não é somente o delapidador de riquezas naturais, um simples predador do que lhe está ao alcance da mão, um destituído do uso da inteligência. A sua ação ecumênica não é, como geralmente se faz crer, de conformação e de presença.

O caboclo sabe, por experiência própria e não porque homens de ciência o houvessem ensinado, que êle dispõe de dois meios para transformação das terras de cerrado em terras de cultura: um pela plantação de mandioca e outro pela formação de pastos artificiais de capins avassaladores, como o gordura e o jaraguá. Depois de duas a três culturas de mandioca num trecho de cerrado, pode-se plantar milho. Depois de algum tempo de utilização dos cerrados em pastos de gordura e jaraguá, pode-se pensar em sua exploração para diversas culturas. Ambos os meios empregados, que são econômicos por permitirem algum proveito no período destinado à transformação, encontram justificativas na ciência.

Junte-se a essa possibilidade de transformação da terra de cerrado em terra de cultura o seu aproveitamento imediato, ver-se-á que os milhares de quilômetros quadrados que se estendem pelo interior do Brasil, com êsse aspecto fitogeográfico, se prestam a uma multiplicidade de fins econômicos. Fica, portanto, dada uma resposta à pergunta que freqüentemente se ouve: — Para que servem êstes chapadões improdutivos? Essa pergunta anda por fora do País, em bôca de estrangeiros que receberam de brasileiros mal informados, cientistas de gabinete, pouco conhecedores do nosso meio, os piores esclarecimentos sôbre a natureza de nossas terras e de suas possibilidades.

Como ponto de partida para estudos e investigações posteriores, façamos um sumário do aproveitamento econômico possível dos nossos cerrados, à luz ainda precária de observações e experiências atuais. Êles têm valor imediato, como são encontrados, e valor conseqüente a uma ação transformadora.

O seu valor imediato se traduz: a) em matérias extrativas, madeiras para construção e para lenha, produtos utilizáveis para a indústria e fins terapêuticos; b) em pastagens naturais, de valor apreciável no tempo das chuvas, como complementar dos pastos artificiais; c) em culturas de certas plantas econômicas, como principalmente a mandioca e o abacaxi. A mandioca produz menos nos cerrados do que nas terras de cultura, o que pode ser compensado pelo grande espaço disponível. Tem também o efeito transformador das qualidades da terra a que já nos referimos. O abacaxi dá admiravelmente nos terrenos de cerrado, parecendo mesmo que os frutos aí ganham em qualidade. Há a observação de que se faz precisa a restauração dos mesmos em prazo menor do que em terrenos de outra natureza. A essas duas culturas outras certamente se virão acrescentar no futuro. Não há probabilidade, por exemplo, de que o agave aí vegete bem?

A ação transformadora do meio para o alargamento de suas explorações é já exercida, com pleno êxito, pelo sertanejo das duas maneiras indicadas: a) plantação de mandioca, duas ou três vezes; b) formação de pastos artificiais; e c) combinação dos dois processos. Cobrindo-se a terra com pastos avassaladores, favorece-se o funcionamento de suas atividades físicas, químicas e

biológicas. A mandioca contribui para o afofamento da terra, facilitando-lhe a melhor circulação do ar e da água, com tôdas as suas boas conseqüências.

Essa prática pode ser eficientemente completada com os métodos científicos de restauração do solo, aplicando-se às terras do cerrado o humo que sem dúvida lhes falta e adicionando-se-lhes adubos químicos que corrijam a sua provável carência de fósforo e cálcio.

A transformação de terras de cerrado em terras de produção normal foi já feita, em larga escala, para efeito imediato, e em caráter aproximadamente científico. Se não me engano em 1932, na Fazenda do Pião, sita nas proximidades de Belo Horizonte, fui procurando por um sitiante por causa da situação deplorável de um laranjal plantado em terras dessa natureza da referida fazenda. Após o exame de seu laranjal enfermiço, definhado, improdutivo, vi que seria possível regularizar a vegetação do mesmo pela restauração do solo. Expliquei-lhe a minha opinião sôbre a natureza do mesmo e a possibilidade de sua transformação, sob uma ação enérgica. O bom êxito estaria assegurado se tudo se processasse dentro das normas que traçasse.

O proprietário aceitou o meu parecer, estudei uma fórmula de adubação orgânica intensiva combinada com superfosfato de cálcio, que foi empregada com absoluto rigor. Quatro meses após o início das chuvas dêsse ano o laranjal não parecia o mesmo. Recuperou todo o seu tempo perdido por causa da carência do solo, atingiu desenvolvimeno normal e, no ano seguinte, frutificou satisfatoriamente.

Infelizmente não encontro os dados que possuía sôbre essa interessante ocorrência. Em resposta a um questionário que lhe fiz, o proprietário, em carta de 20 de março de 1934, expressou-se da seguinte forma:

“Atendendo prazerosamente ao seu desejo, expresso em carta de 14 do corrente, atesto:

a) que possuo um laranjal plantado em terrenos de cerrado, na Fazenda do Pião, sita nas proximidades de Belo Horizonte;

b) que o mesmo estava em más condições de crescimento;

c) que, consultando V. S., depois do exame necessário, me declarou que tudo era devido à insuficiência do solo, comprometendo-se a corrigi-lo mediante adubação racional;

d) que, aplicada a fórmula de adubação que V. S. me forneceu, operou-se visível transformação das terras, a vegetação entrou em franco desenvolvimento, e a frutificação foi muito satisfatória.

Renovando meus agradecimentos pela gentileza e solicitude com que atendeu, naquela ocasião, à minha consulta etc.”

Não me proponho aqui relatar as minúcias de execução dessa experiência de restauração de

terras de cerrado, que foi coroado de melhor êxito, como se vê. Mesmo com a minha documentação falha, muita coisa teria a dizer, porquanto, para levar avante o empreendimento, inúmeros problemas tive então de resolver. O meu objetivo neste momento é de chamar a atenção para êsse aspecto interessante de aproveitamento econômico do nosso cerrado, respondendo a muito brasileiro pessimista quanto às possibilidades de nossa terra, porque continua a querer interpretar o que é tipicamente nosso com os olhos de uma ciência de importação. Esquece-se de que o meio tropical requer olhos tropicais para sua interpretação. E é também meu objetivo mostrar como

o homem brasileiro não anda somente de cócoras, pitando: êle tem iniciativa e inteligência bastantes para resolver os seus problemas.

Deve-se reconhecer como preciosa a indicação que êle já nos deu, através de tentativas, experiências e observações, para a conquista econômica do cerrado. Foi, na verdade, com fundamento nos primeiros passos dados por êle nesse sentido que pude tirar conclusões e aplicar métodos científicos (não ainda com a desejada precisão) para a restauração de terras de cerrado que, sem o indispensável preparo prévio, haviam sido aproveitadas para a plantação de um grande laranjal nas redondezas de Belo Horizonte.

* *

MUNICÍPIO DE BAEPENDI

Município essencialmente rural, pois dos 21.212 habitantes recenseados em 1940, apenas 2.308 moravam na cidade e 1.575 nas duas vilas, sedes dos distritos, reservando-se à zona rural 17.329 habitantes, é a municipalidade de Baependi uma das mais importantes do Sul de Minas Gerais.

Para a sua arrecadação de Cr\$ 970.000,00 estimada para 1949, contribuem de maneira especial as seguintes fontes da receita: indústrias e profissões — Cr\$ 300.000,00; cota-parte do impôsto sôbre a renda — Cr\$ 230.000,00; e taxa de eletricidade — Cr\$ 150.000,00.

A despesa da Prefeitura Municipal será efetuada, em 1949, da seguinte forma: Cr\$ 335.208,00 (24,5%) com o pessoal fixo; Cr\$ 129.400,00 (13,4%) com o pessoal variável, Cr\$ 105.000,00 (10,9%) com material permanente, Cr\$ 130.000,00 (13,4%) com material de consumo, e Cr\$ 270.392,00 (27,8%) com despesas diversas.

O pessoal fixo da Prefeitura é constituído de 45 servidores, assim distribuídos: 3 chefes de serviço, 1 auxiliar datilógrafo, 1 administrador distrital, 1 almoxarife, 1 porteiro, 1 escriturário, 1 agente fiscal, 25 professoras, 1 enfermeira, 1 gerente, 4 maquinistas, 1 encarregado de serviço, 2 eletricitas-auxiliares e 2 fiscais. O melhor salário fixo mensal da Prefeitura é o do Chefe do Serviço da Secretaria (Cr\$ 1.900,00) e o pior o de professora (Cr\$ 220,00).

O pessoal variável é constituído de 1 magarefo, 1 auxiliar de magarefe e vários operários para os seguintes serviços: de água; de esgotos; de eletricidade; de ruas, praças e jardins; de estradas e pontes; de limpeza pública e de próprios municipais.

A despesa com ajuda de custo a Vereadores, em número de 11, é de Cr\$ 33.000,00 anualmente. Na Câmara Municipal existe apenas um lugar de auxiliar-datilógrafo, com os vencimentos mensais de Cr\$ 1.600,00.

A remuneração mensal do Prefeito é de Cr\$ 2.400,00.

Com a nova divisão territorial recentemente verificada em Minas Gerais, o município de Baependi perdeu o seu importante distrito de Cruzília, que passou, sozinho, a constituir um novo município, ficando Baependi com apenas dois distritos: o da sede e o de São Tomé das Letras.

* *

Revista Brasileira dos Municípios

A *Revista do Serviço Público* tem o prazer de registrar o aparecimento de *Revista Brasileira dos Municípios*, órgão do Conselho Nacional de Estatística e da Associação Brasileira de Municípios e que será o movimento municipalista que, a parte de 1946, cada vez mais se amplia entre nós, o instrumento eficaz de divulgação tão necessário à campanha de defesa da unidade de governo local no Brasil.

Será o agente difusor da moderna doutrina e técnica de administração municipal e fóro democrático para o debate e exposição de seus problemas. Da Capital Federal, centro em que reside o poder determinar das diretrizes políticas nacionais, a Revista transmitirá a tôdas as comu-

nidades, das mais próximas às mais distantes, à palavra de orientação relativa aos rumos ideais da política pública no campo do interesse municipal e será, para êsse mesmo interesse, o meio hábil de promoção e defesa.

Editada sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e sob o patrocínio da A.B.M., essa publicação tem como objetivo precípua, se nos permitem repetir um dos trechos de seu editorial de apresentação, "a difusão e valorização do municipalismo; assim sendo, contribuirá, por tôdas as formas possíveis, para o desenvolvimento econômico e o aperfeiçoamento cultural dos Municípios brasileiros".